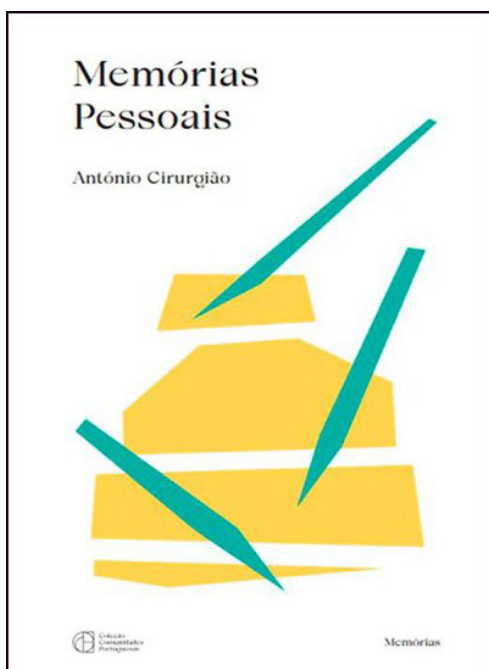


António Cirurgião: Memórias Pessoais.
Lisboa: IN-CM, 2024. 366 pp.

José Barbosa Machado (UTAD / CEL)

DOI: 10.58155/revistadeletras.v2i1.551



A literatura autobiográfica foi, e ainda é, um género pouco cultivado em Portugal. As razões são conhecidas: primeiro a Inquisição (23 de maio de 1536 a 31 de março de 1821), que, sob a ameaça da prisão e da fogueira, desmotivava a escrita de memórias, refugiando-se os autores na poesia; a censura política (com os seus altos e baixos de 1821 a 1974); a obsessão dos portugueses em resguardar a sua privacidade, derivada talvez dos dois fatores anteriores; e o analfabetismo endémico. Enquanto em países como a França e a Inglaterra se conhece uma literatura autobiográfica riquíssima

(através da publicação de memórias e diários), quer por parte de escritores famosos, quer por políticos ou pessoas influentes, quer, enfim, por cidadãos comuns, em Portugal conta-se pelos dedos quem a isso se dedicou. Se quisermos saber alguma coisa acerca da vida privada de uma personagem famosa, seja das letras, seja da política ou de outra área qualquer, teremos de nos cingir à correspondência, quando ela existe (veja-se o caso do Eça de Queirós), ou ao que sobre a dita personagem escreveram ou disseram amigos e conhecidos.

Talvez pelo facto de ter vivido grande parte da sua vida fora do país (nasceu em Chaves em 1933 e tem vivido nos Estados Unidos desde 1962), António Cirurgião foi um dos poucos que arriscou publicar as suas *Memórias Pessoais*. Depois de dar conhecimento a um amigo «de uns heterogéneos e levianos textos», «confecionados à guisa de diário e em moldes mais ou me-

nos memorialistas», acabou por anuir publicá-los num blogue, «com alguma relutância» (2024: 11). Face à boa receção que os textos tiveram junto de alguns amigos, apesar de os considerar «frioieiras e prosas inqualificáveis», decidiu reuni-los em livro.

Embora o título remeta para o subgénero autobiográfico de *memórias*, é com alguma frequência que o autor se refere ao *diário*. No entanto, a estrutura, a organização do livro e o tratamento dos temas, não se coadunam com aquilo que se entende como um diário: a brevidade das entradas, o fragmentário, a incompletude, as indicações cronológicas (hora, dia, mês e até ano) e as temáticas relacionadas com o sujeito nas suas obsessões, depressões e exaltações.

No subcapítulo intitulado “Memórias tecidas à guisa de uma manta de retalhos”, António Cirurgião refere que lhe «veio à mente» o que lhe aconteceu durante o ano de noviciado. A expressão leva-o a refletir acerca do diário: «Ao fim de escrever “Veio-me à mente”, perguntei-me logo como poderia encaixar o que me veio à mente nesta entrada do meu diário, datada do dia 5 de março do ano do Senhor de 2014, sem ferir aquele mínimo de lógica interna que qualquer texto deverá ter» (2024: 69). Ou seja, o autor escreve umas memórias, mas nesse ato considera que está a escrever um diário. Um pouco mais abaixo, procura definir o que é um diário através de duas imagens, uma que releva da tecelagem: «E concluí que a coisa afinal nada tem de complicado, se me lembrar de definir o género literário diário à minha maneira: uma espécie de manta de retalhos, onde cabem todas as espécies de panos e trapos, como aquelas preciosas mantas que vi fazer no tear a minha avó materna» (2024: 69); outra que releva da culinária: «definir esse “género literário” como uma espécie de caldo de pedra onde se podem misturar os mais variados produtos alimentícios e condimentos, em que minha avó materna era também perita.» (2024: 69).

A mistura, ou pseudo-confusão entre géneros, é mais ou menos constante ao longo da obra: «eles encheram-se de rir e gargalhar, dizendo, entre outras graçolas (in)dignas de registo nas páginas castas do meu diário...» (2024: 181). A datação do que vai escrevendo, uma das características da diarística, ocorre também com alguma frequência, não a encabeçar as entradas, mas no interior do texto. A propósito de um incidente ocorrido numa homenagem a Veiga Simão, o autor escreve: «É para obedecer a essa simpática sugestão longínqua que neste dia 13 de maio do ano da graça de 2014 o dito episódio é posto em ata» (2024: 160); «respondi eu com esta carta eletrónica, que me pareceu oportuno registar no meu diário, à guisa de entrada, no dia 7 de março de 2008» (2024: 191); etc.

Que António Cirurgião, no ato da escrita, estava convencido de que redigia um diário, não restam dúvidas, tendo em conta os indícios que foi deixando ao longo da obra. No entanto, aquilo que apresenta ao público no livro impresso, e que vem refletido no próprio título, *Memórias Pessoaís*, não é na verdade um diário, mas uma coleção de memórias organizadas mais ou menos cronologicamente.

A obra está dividida em capítulos e subcapítulos, cada um versando determinado tema, o tom é muitas vezes divertido ou picaresco, raramente visto na diarística (cfr. os sisudos diários de Miguel Torga, Vergílio Ferreira ou José Saramago) e o estilo é mais de um narrador de histórias, acontecimentos ou factos do que de um escritor debruçado sobre o seu próprio eu.

Depois do Proémio, os textos estão distribuídos por seis capítulos principais que inventariam textos sobre momentos ou temas correlacionados. Assim, temos um conjunto de textos acerca “Do apelido Cirurgião”, sem dúvida os mais divertidos devido às muitas situações caricatas a que tal apelido deu azo. Depois temos um conjunto de textos acerca da infância e adolescência passada em “Soutelinho da Raia”, uma aldeia flaviense próxima da fronteira espanhola. Este capítulo é, a meu ver, o mais literário da obra e faz lembrar, em muitos aspetos, *As Pequenas Memórias* de José Saramago, com exceção das cenas lúbricas. De facto, não se encontra na obra de António Cirurgião qualquer situação do foro romântico, amoroso ou sexual, por pudor ou porque simplesmente o autor não tem nada para contar que considere digno de interesse a esse respeito.

Depois destes dois capítulos, surgem mais quatro, interrelacionados e que abrangem boa parte da obra, centrando-se na vida profissional do autor nos Estados Unidos; nas viagens que fez ao Brasil, à Bolívia, à Argentina, a Marrocos, a Angola e Moçambique, onde viveu aventuras mais ou menos mirabolantes; nas vindas a Portugal como emigrante e das humilhações que sofreu; e por fim nas boas memórias relacionadas com Eusébio e a Amália Rodrigues, que conheceu pessoalmente.

É uma obra de amena leitura, que diverte e ao mesmo tempo ensina, coisa cada vez mais rara na literatura que atualmente se publica. Escrita por um português “estrangeirado”, ficará certamente como testemunho importante para se conhecer a vida dos portugueses emigrados que vivem entre dois países (Portugal profundo, religioso, aldeão, atrasado e agrícola, dos provérbios e do jogo da pedrada entre a miudagem, mas também ridículo, emproado e ignorante dos taxistas e dos vendedores da capital; e os Estados Unidos, terra de oportunidades, de dinheiro, de civilização e de futuro).